

Vozes ozes relegadas: histórias femininas do sertão pernambucano

Ricardo Japiassu*

De certa forma, apresentar os resultados de uma longa pesquisa — pois que avançou por mais de duas décadas — de âmbito familiar e oral, porém em caráter científico, constitui-se em dificuldade séria ante a elaboração do texto, por parte do pesquisador. Pesquisador por natureza, atividade que, debruçado sobre meu passado, reconheço desde menino, jornalista por profissão e Doutor em Literatura por amor à arte, talvez ao invento, ou mesmo pela necessidade de afirmar o que de fato é real, indaguei por primeiro: será possível filtrar os pecados cometidos pelos que me antecederam em sangue? E mais, assevero: uma atuação da existência por si só é impregnada de mácula. Teriam estas mulheres, com as quais dialoguei no passado e no presente — e homens também, pois que auscultei o coração e a memória masculina — outro viés de existência inaudita, omitida, por temor, por vergonha? Como ser científico perante o que ainda não foi formatado pela História. Não tive pejo e tomei esta tarefa para mim! Penso largamente que, do erro alheio, minhas percepções e constatações não podiam arredar um centímetro, visto a necessidade de informar, a quem quer que seja, o real, o que de fato existiu e marcou com pulso firme uma posição feminina no curso da História sertaneja do Vale do Ipanema, mais precisamente no município da Pedra — ermo por si só. No correr deste rio caudaloso por entre caminhos até o momento quase que desconhecidos, naquilo que compreendo as fronteiras deste Sertão ermo, é que busco inserir outra fonte de inspiração e coleta de informações. Mais que isto, legar à posteridade a novidade, antes que, até mesmo, uma memória padeça e pereça. No entanto, também me perguntei: como proceder a juízo de valores morais? E quem sou eu para julgar! Isto, tendo em vista a diferença, inclusive, de tempo e espaço (mentalidade) em que transcorreu a existência dos meus antepassados, impregnada de conceitos e preconceitos, sobretudo católicos, agora — *graças ao bom Deus* — em desuso. Então, após longa e profunda reflexão, muitas das vezes no balangar da minha rede, sobre estes aspectos iniciais acima mencionados, tendo em vista o convite da professora Dulcina para publicação de ensaio nesta revista, conclui: o pecado resultou em fato como outro qualquer, transposição da vida em busca da exuberância, do desconhecido; conexão com outros desejos — maçã, o fruto proibido à mulher — e, por fim, juízo de valores alterados à época e aos padrões de uma aristocracia rural discreta e pobre, tendo em vista a ostentação e o luxo da zona canavieira de Pernambuco.

* Jornalista e doutor em Literatura pela USP.